

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVI Jornada de Extensão

GRUPO TERAPÊUTICO “BRINCANDO NO CAPSi”¹

Letícia Do Nascimento Da Silva², Caroline Menegon Hubert³, Angela Maria Schneider Drugg⁴.

¹ Projeto de estágio básico realizado no curso de Psicologia da Unijuí.

² Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

³ Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

⁴ Psicóloga. Professora do Departamento de Humanidades e Educação.

Introdução

O Grupo Terapêutico “Brincando no CAPSi”, se fundamenta nas dimensões terapêuticas tanto do brincar quanto dos grupos na infância. Brincando a criança cria, expressa desejos, sentimentos, fantasias e emoções, revela e elabora conflitos, vivência e antecipa papéis sociais, se desenvolve cognitivamente. Brincando em grupo, ainda se socializa e pode compartilhar experiências de vida. Este grupo que funciona junto ao Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Ijuí (CAPSi), teve início no primeiro semestre de 2015 e vem realizando um encontro semanal com uma hora e meia de duração. É aberto para novos pacientes que são encaminhados de acordo com as necessidades de seu plano terapêutico e acolhe de 4 a 12 crianças em tratamento, com idade entre 8 e 12 anos.

O trabalho é coordenado por duas estagiárias do Curso de Psicologia da UNIJUI, contando com supervisora interna e é também supervisionado quinzenalmente pela professora orientadora do estágio. Os objetivos do estágio visam integrar ao plano de tratamento das crianças participantes, o benefício dos efeitos terapêuticos tanto do brincar quanto do grupo, acolhendo o brincar das crianças em sua singularidade. Oferece um espaço de escuta psicológica para expressão e simbolização do sofrimento psíquico, e propicia o compartilhamento das experiências de vida singulares com o suporte do grupo.

Metodologia

O grupo tem caráter terapêutico e funciona na modalidade de grupo operativo (grupos de tarefa), cuja tarefa é brincar. Tem um encontro semanal, com uma hora e meia de duração. Compõem-se de 4 a 12 crianças que realizam tratamento no CAPS Infantil de Ijuí, e duas estagiárias do Curso de Psicologia da Unijuí, que fazem a coordenação do grupo. Utiliza-se do brincar e do grupo como recurso terapêutico. Em cada encontro as crianças acompanhadas pelas estagiárias, decidem do que e como irão brincar. Ocorrem momentos em que podem brincar todas juntas, constituírem subgrupos, e até mesmo brincar sozinhas ou com uma das estagiárias. Na sala de trabalho encontram-se diversos tipos de jogos, material para desenho, pintura, recorte e colagem, sucata, entre outros. Também são possíveis brincadeiras ao ar livre no parquinho ou no bosque em

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVI Jornada de Extensão

anexo. Às estagiárias cabe realizar as intervenções que visem sustentar a continuidade do brincar e mantenham a palavra em circulação.

Resultados e Discussão

Quando começamos este projeto no CAPS Infantil de Ijuí, fomos apresentadas aos pacientes que participavam naquela ocasião, de um grupo já constituído. Apesar de estar aberto para novos pacientes, o grupo era basicamente composto por meninos e era trabalhado por uma terapeuta ocupacional sendo denominado coletivamente por Grupo dos Artistas. Inicialmente observamos as crianças realizando individualmente as atividades propostas pela terapeuta ocupacional, ao passo que, quando tomamos a coordenação do grupo, introduzimos aos poucos a proposta de incentivar a brincadeira espontânea por parte das crianças, possibilitando a criação de vínculos grupais. Existe no CAPSi uma “sala de brinquedos” que funciona para as crianças como sala de espera, onde vamos encontra-las para levá-las até a “sala de oficina”, que adotamos como espaço de referência para o grupo dentro da Instituição. No início, quando as crianças chegavam, sentavam-se e logo perguntavam o que fariam naquele dia, ou ficavam à espera de nossa convocação para a realização de alguma atividade.

Fomos orientadas em supervisão a propor atividades lúdicas para ir conhecendo melhor as crianças, através de produções que lhes eram familiares pela prática anterior do grupo, tais como desenhar, por exemplo, e a partir de então introduzir, de forma sutil (buscando minimizar a ansiedade das crianças e a resistência do grupo frente a mudança de coordenação), novas brincadeiras criando um ambiente de descontração para o grupo, dando abertura ao campo que tínhamos como objetivo trabalhar: o brincar espontâneo e o brincar em grupo por seus efeitos terapêuticos.

Estávamos também experimentando as possibilidades de nos posicionarmos como futuras terapeutas, em alteridade necessária para trabalhar com as produções das crianças, mediando, situando-nos no papel de portadoras da cultura e da Lei, viabilizando a interação entre as crianças, sustentando suas realizações de desejo imaginário (quando jogamos juntos, por exemplo), oferecendo nossa presença, testemunho, atenção, voz e escuta para estes sujeitos em desenvolvimento, sempre na tentativa de lançá-los em uma relação identificatória com o outro semelhante.

No grupo as crianças podem experimentar novas posições discursivas. Como provém de diferentes realidades socioculturais, e chegaram ao CAPSi por diferentes motivos, ao compartilharem experiências de vida, ampliam seu universo psíquico e cultural. Em comum há o aspecto de todas se encontrarem em atendimento psicossocial e de se situarem na infância, pressupondo-se por este último fator, que estão pré-dispostas à aceitação do trabalho proposto por este Projeto, pois está de acordo com o interesse deste período de vida.

Ao iniciarmos o desenvolvimento deste Projeto, nos deparamos com algumas crianças que tinham dificuldades no brincar e que ainda não estavam sendo acolhidas pelo grupo. O trabalho de intervenção nesses casos foi estimulá-las, reconhecendo os momentos em que estas crianças se

disponibilizavam para interação, brincando com elas, ajudando-as a encontrar um espaço dentro do grupo. Segundo Winnicott (1975, p.81)

“A psicoterapia se efetua na sobreposição de suas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.”

A atividade do brincar também é um espaço onde a criança pode explorar seus conhecimentos, simbolizar e elaborar situações que vivenciou e que podem ter sido angustiantes, pontos que transformam esta atividade lúdica em possibilidade terapêutica, ao por em movimento cenas que se situariam apenas na dimensão do sintoma, de uma repetição. Em uma partida de xadrez com um paciente de 9 anos, percebeu-se que a maneira como realizava os movimentos do jogo não respeitava as regras, jogava visando obter mais peças do adversário, realizando mais de um lance em sua vez de jogar. Este fato, que poderia ter sido percebido como não internalização das regras, foi ressignificado quando o paciente foi indagado por uma das estagiárias, se isso era permitido no jogo. Ele respondeu que não, mas continuou jogando da mesma forma. Pouco depois relatou sua experiência com o irmão de 15 anos, que joga com ele da maneira como ele estava jogando, o que faz com que ele sempre perca. Percebeu-se assim, que o paciente estava reatualizando uma cena já vivida por ele, na qual sofria passivamente a derrota imposta pelo irmão. Um dos aspectos terapêuticos do brincar é que ao fazê-lo a criança pode inverter papéis, e experimentar ativamente situações que sofre passivamente.

Em um dos encontros aconteceu que os meninos encontraram na sala um avião de papel e começaram a brincar com ele. Em determinado momento o avião caiu próximo de uma das estagiárias, e as crianças passaram a solicitar em coro: - Joga pra mim! Joga pra mim! Percebia-se que eles estavam disputando o objeto avião e o lugar de preferência no desejo da estagiária, que teve a ideia de virar-se de costas para arremessá-lo de volta sem dar preferência a nenhum dos meninos, para que o lugar da marca da falta como identificação fraterna no grupo não fosse obliterado. No final do encontro um dos meninos chorou porque queria levar o avião consigo. Então lhe explicamos que não havia aviões para todos naquele momento e que aquele havia sido feito por alguém que poderia retornar para buscá-lo. Propôs-se então, que na próxima semana o grupo poderia fazer aviões de papel. Na outra semana como combinado levamos folhas impressas com modelos de aviões e o passo a passo de sua confecção. Quase todos os meninos tentaram fazer o seu, a maioria sem sucesso, por dificuldades em entender as instruções ou na confecção das dobraduras. Isso acabou por deixá-los frustrados, o que remeteu às dificuldades de lidarem com os próprios limites. Nesse momento produziu-se algo curioso, que interpretamos como uma mudança na posição subjetiva do grupo. As crianças deixaram os aviões de lado e começaram a inventar outras brincadeiras sem a ajuda das estagiárias. Saíram de uma posição de dependência para uma posição de autonomia. Nos encontros que se seguiram, constatou-se que não saber fazer os aviões não foi motivo para que as crianças não brincassem com eles, pois as que sabiam fazê-los ao perceberem o interesse dos outros por seus brinquedos, tentavam ensinar-lhes e se não conseguiam

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVI Jornada de Extensão

aprender, faziam outro para si e davam aquele que já tinham feito para o colega. As crianças que sabiam fazer perceberam suas produções como desejáveis e sentiram-se capazes de ensinar outras crianças, enquanto as que não sabiam perceberam-se capazes de aprender com os colegas e que apesar de suas dificuldades nessa área não estavam excluídas da brincadeira.

Outra situação interessante aconteceu com um paciente com dificuldades na fala e na motricidade. Estas dificuldades muitas vezes fizeram com que fosse excluído das brincadeiras. Outras vezes ele próprio se excluía, antecipando a rejeição dos colegas. Numa tentativa de socializar-se ele oferece pirulitos, o que alguns meninos aceitam, porém continuam deixando-o de fora das brincadeiras que envolviam destreza corporal, como passes de futebol, fazer cesta no basquete, alegando que ele não sabia jogar. Este menino, geralmente, acabava jogando xadrez com as estagiarias (sendo um jogador atento às regras e bastante determinado em chegar até o final do jogo, mesmo que presumisse perder). Em uma manhã, este paciente e uma das estagiarias se encontravam na sala jogando xadrez, enquanto as outras crianças estavam no bosque com a outra estagiaria. Num dado momento, chegou na sala outro paciente e quis saber onde estavam os demais e decidiu ir também até o bosque para jogar. Chegando lá, encontrou os outros meninos jogando futebol. Este último logo se inseriu em um dos times. Quando o menino que estava jogando xadrez quis voltar à sala, o menino que se inseriu no jogo chamou-o, insistindo e argumentando que se ele não jogasse também um dos times ficaria incompleto, tendo seu pedido atendido. Apontando ao colega o quanto ele é importante para o grupo, o paciente conquista um lugar de reconhecimento para si mesmo.

Muitos dos pacientes são encaminhados ao grupo com queixas de agressividade e dificuldade de socialização, por isso, não são raras as vezes que as estagiarias intervêm de uma maneira mais direta para que agressividade no grupo não tome a forma de atos de violência. Supõe-se que esta possa ser canalizada no sentido de promover e impulsionar as brincadeiras, os vínculos, o movimento terapêutico. Os conflitos são manejados através de conversas com as crianças envolvidas, quando lhes é lembrado que o grupo é um lugar para podermos aprender a conviver, sendo justamente ali que podemos ser todos diferentes, criando um espaço onde as diferenças são imprescindíveis para que a brincadeira possa acontecer.

É importante criar espaços de conversa e escuta, perguntar se a criança deseja falar sobre algo, por isso incentiva-se que possam falar sobre o que acontece no grupo, como lidam com suas atitudes, o que sentem e pensam em relação a sua conduta, a dos colegas e das estagiarias. Em alguns casos também é proposta à criança uma conversa reservada, para que ela se sinta confiante em contar o que está lhe acontecendo, pois alguma questão de aspecto íntimo pode estar interferindo em sua relação com os outros colegas do grupo.

“Apesar dos episódios de agressividade diminuírem, a partir das intervenções, precisamos ter em mente que a agressividade nos grupos não deixará de existir, mas estará reprimida, ressurgindo uma vez ou outra para ser novamente submetida ao pacto de não agressão firmado simbolicamente entre os integrantes da fratria humana”(Kupfer; Pinto, orgs. 2010, p. 98).

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVI Jornada de Extensão

Nos jogos podemos observar como a criança se relaciona socialmente, como ela lida com as regras. Em um dos encontros um menino era a única criança que estava na sala. Jogava “bafo” com uma das estagiarias, distribuindo as cartas igualmente no início de cada partida. Estava ganhando com certa facilidade e quando acabavam as cartas da estagiaria ele lhe ofertava algumas de seu monte para que esta continuasse jogando. Outro menino entrou na sala sendo convidado a jogar, ao que respondeu convicto: - Sim. Eu vou ganhar dele! Eu sou melhor! A estagiária interveio falando que só iriam saber do resultado no final da partida. Durante a primeira rodada este paciente jogava na sua vez e preparava a mão para bater novamente, sem respeitar a vez do outro que, muito atento as regras lhe lembrava de que era sua vez de jogar e que não poderia jogar duas vezes consecutivas. Quando começou a perder a partir da segunda rodada do jogo, ficou muito nervoso, tentando bater com mais força nas cartas para virá-las. Mesmo assim continuava perdendo e ao perceber que era isso que iria acontecer falou: “falhou”. Não acusou seu colega de estar roubando e nem desistiu de ir até o fim, situação que ocorria anteriormente com este paciente.

O aspecto “falha” é essencial para pensarmos que através da admissão desta as crianças possam circular pelos jogos, se posicionando diante da vitória e da perda como possibilidades, que podem surgir quando o espaço marcado até então pela onipotência passa a ser compartilhado com outros sujeitos.

Conclusões

Podemos notar que o grupo terapêutico “Brincando no CAPSi” vem se mostrando relevante dentro do tratamento dos pacientes, contando com a adesão das crianças, que ali encontram referencias para lidar com suas questões individuais. As estagiarias tem acolhido o grupo e suas demandas, manejando-as com o objetivo de facilitar a intersecção das redes de significados, de experiências tecidas por cada uma das crianças, afim de que esta trama sirva como suporte psíquico, para o desenvolvimento de seus integrantes. Quando através do brincar o grupo vai estreitando seus vínculos, entendemos que este exercício tem seus efeitos na promoção da saúde mental, pois segundo Winnicott (1975) a brincadeira é uma forma básica de viver, universal e própria da saúde, que facilita o crescimento e conduz aos relacionamentos grupais.

Palavras-chave : Brincar; grupo terapêutico; paciente.

Referências Bibliográficas

KUPFER, M. C. M.; PINTO, F. S. C. N. Lugar de Vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica. Escuta: São Paulo, 2010.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.